

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ARTE NA EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA**

**A experiência do brincar como fonte de formação:
EU QUE ME ENSINO**

LUARA CORREA TAVARES

SÃO PAULO

2022

LUARA CORREA TAVARES

**A experiência do brincar como fonte de formação:
EU QUE ME ENSINOU**

Monografia apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de especialização em Arte na Educação.
Orientadora: Prof. Dr. Andrea Cavinato.

**SÃO PAULO
2022**

Casos tiveram muitos...

Eu era auxiliar ainda.

As crianças estavam brincando fora

e uma delas estará sentada lá.

A professora falou: "veja se ela entra para brincar com as outras."

Eu fui e falei: "vem cá, vamos brincar lá na areia?"

Você não está brincando..."

E ela disse:

"Estou sim! Eu sou uma flor!"

(Christa Glass)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente e de máxima importância à minha mãe, meu pai e meus irmãos por acreditarem em minhas escolhas e na minha potência como educadora.

Depois, aos meus amigos que tenho como família, Luanna Marin e Matheus Rodrigues que estiveram ao meu lado desde do início, compartilhando experiências e abrindo novas janelas do olhar nesses dois anos de formação em meio a Pandemia.

Aos amigos que fiz virtualmente durante essa jornada, os Deuses no caos, composto por: Beatriz, Carina, Fernanda, Eduardo, Jhulie, Letícia, Luca e Tamara, pelas risadas, acolhimentos e por acreditarem, quando eu não conseguia acreditar.

Ao pessoal da CUFA Minás Gás, em especial a Sandra que nos recebeu com muito amor e que tem o maior coração do mundo.

À psicóloga Grazi e à assistente social do Instituto C, Katia que foram fundamentais no processo de formação e acolhimento dessas mulheres.

Ao Manduí que, guiados pelo afeto e por acreditar na transformação, pensaram e colocaram o projeto de formação em prática. Em especial: Julia, Thaís, Vitória, Tchô e Tomás.

À minha orientadora Andrea Cavinato, que ofereceu experiências maravilhosas em suas aulas que me inspiraram e me inspiram até hoje. Pela paciência e pela ajuda para chegar até aqui.

E às minhas alunas maravilhosas! Essas mulheres que mudaram a minha vida e que com suas histórias e saberes transformaram minha forma de ver e compreender o mundo. Me colocaram em um lugar de desafio e de preenchimento. Fizeram parte da realização de um sonho.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo refletir e investigar as possibilidades de formação continuada dos educadores que trabalham com educação infantil a partir das experiências que visam o corpo como memória.

Ao relacionar os autores com a experiência vivida na comunidade Minas Gás, o projeto qualifica minha hipótese e dá início a uma ideia de formação que põe o adulto e a criança como sujeitos que precisam de escuta, olhar e afeto. O percurso se deu através de estudos e experiências que convocam o brincar, o corpo, a relação com o tempo, espaço e a presença.

Palavras-chave: Experiência; corpo; memória; afeto; formação; brincar.

ABSTRACT

This work aims to reflect and investigate the possibilities of continuing education of educators who work with early childhood education from experiences that aim at the body as memory.

By relating the authors to the experience lived in the Minas Gás community, the project qualifies my hypothesis and initiates an idea of formation that places the adult and the child as subjects who need to be listened, looked at and affectionate. The course took place through studies and experiences that summon play, the body, the relationship with time, space and presence.

Keywords: Experience; body; memory; affection; formation; to play.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. O CORPO FALA: A CULTURA DA CRIANÇA COMO EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO.	12
2. O CORPO BRINCANTE.....	14
2.1. CORPO, MEMÓRIA, IMAGEM E AÇÃO.....	18
3. MANDUÍ TRANSFORMA.....	21
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
5. REFERÊNCIAS.....	32
6. ANEXOS.....	34

INTRODUÇÃO

Minha intenção com esse trabalho é proporcionar uma reflexão a partir do corpo como memória, trazendo o resgate dos sentidos humanos como a audição, o paladar, a visão, o olfato e o tato como forma de aproximação do adulto com suas infâncias e, conseqüentemente, com as crianças com que trabalham. A criança vive, experimenta e conhece o mundo através do corpo. Ao relacionar os autores com a experiência vivida na comunidade Minas Gás consigo qualificar minha hipótese e dar início a uma ideia de formação que põe o adulto e a criança como sujeitos que precisam de escuta, olhar e afeto.

A criança não representa o mundo, ela o vive e o corpo é o meio por onde suas experiências ocorrem. O projeto “A experiência do brincar como fonte de formação: EU QUE ME ENSINOU” defende a ideia de que o trabalho com educação com crianças pequenas terá mais qualidade quando o adulto responsável pela mediação das infâncias com o mundo for para além da compreensão cognitiva dessa informação e se permitir viver em SEU corpo o que significa VIVER as experiências.

O tema da pesquisa parte do registro da minha experiência como artista e educadora. O corpo compreendido como meio, ferramenta, sentido, acolhimento e compreensão foi núcleo da minha reflexão. Meu percurso se deu na educação infantil, cercada de afeto e muita demanda física e criativa. Durante os oito anos de experiência em escolas particulares de referência na primeira infância, me deparei com certas discrepâncias. Das três instituições que trabalhei, todas possuem uma marca em comum, a falta do olhar e da escuta sensível perante o educador e a educadora como potência artística e criadora e como isso se relaciona com o cuidado com os corpos desses sujeitos.

As reuniões pedagógicas, presentes nas instituições que conheço, poderiam ser um espaço potente para a formação do educador e da educadora. Para além de encontros intelectuais, filosóficos e conceituais onde se trabalham prioritariamente o lado intelectual dos educadores, parto do princípio de que, para se ter verdade e qualidade em suas ações pedagógicas, é preciso se ter consciência daquilo que se está propondo ou do que se quer propor. E para alcançar esse lugar, é preciso que o educador e a educadora passem por experiências na perspectiva construída por Larrosa, ou seja, algo

que os transforma como pessoa e que perpassa por todos os sentidos, mental, físico e emocional.

Nos espaços em que trabalhei, a educação e a arte andam juntas, porém separadas, os educadores não se viam como sujeitos inventores. As ações pedagógicas, na relação com as crianças, para mim, só alcançarão um lugar de autoria criativa verdadeira, se tiver espaço para viver as experiências em seu próprio corpo.

Como base para essa pesquisa dialoguei com os autores Jorge Larrosa, Maria Amélia Pinho Pereira, Paulo Freire, Donald Woods Winnicott, William James Durant e Klaus Vianna para registrar minha experiência como capacitadora de mulheres na comunidade Minas Gás na Brasilândia para trabalharem como berçaristas no ano de 2021. Essa experiência mudou a minha vida. Abri uma nova janela do olhar ao ser convidada a pensar pelo viés do adulto, suas relações com as crianças. O projeto em parceria com a CUFA (Centro Unificado das Favelas) e com o Instituto C, entende as educadoras como potenciais sementeiras de formas novas de olhar e atuar no mundo, com suas crianças e consigo mesmas e assim, promover transformação.

Os espaços de educação podem trabalhar com os resgates dessas infâncias e desses corpos que se perderam durante a formação do sujeito adulto. Defendo que o diálogo entre as experiências da criança e do adulto, se faz na transformação do sujeito, em permitir ser o que ele é. Seja na escola pública, na particular ou em outros espaços de educação, pensar nas crianças é também pensar nas pessoas que cuidam dessas infâncias.

O percurso do projeto de formação com as Mães Crecheiras se deu através de estudos e experiências que convocam o brincar, o corpo, a relação com o tempo, espaço e a presença. Além da experiência vivida nas brincadeiras, foram fundamentais as rodas de conversa para falarem sobre suas experiências e reflexões, construindo assim um lugar comum de aprendizagem.

Este trabalho foi dividido em três capítulos, o primeiro fala sobre a experiência como formação, o segundo sobre o brincar como construção de conhecimento a partir de um corpo que carrega memória e o terceiro da minha

experiência na formação de mulheres para trabalharem com a primeira infância.

1. O CORPO FALA: A CULTURA DA CRIANÇA COMO EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO.

A educação necessita ser vista com as lentes de seu tempo. Atrelada aos fatos, fragmentos e rupturas que permeiam o seu fazer, precisa estar sempre em constante revisão, reflexão e atualização em sua própria ação, em seu exercício. Assim como na dança, a educação surge a partir do movimento. São corpos ou parte deles, que se movimentam em um determinado tempo e espaço e que desencadeiam a produção do mesmo. É a fricção entre indivíduo e meio, eu e o outro, tempo e espaço, teoria e prática, o sentir e o pensar, ser e estar. Composições que até pouco tempo eram vistas como opostas, mas que hoje sabemos fazer parte de uma mesma *estrutura rizomática* (GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI, 1995), uma teia complexa que soma, aproxima e acolhe as diferenças como produtoras e criadoras de conhecimento e cultura. A educação contemporânea, nesse sentido, é aquela que trabalha a partir do diálogo, do encontro, do mover, deslocar e cruzar das diferentes construções, códigos e leituras de mundo existentes e das que estão por ser criadas.

O professor da Universidade de Barcelona e doutor em Filosofia da Educação, Jorge Larrosa Bondía, acredita que a educação é um lugar de recomeço do mundo e de refúgio da infância, um momento de acolher as crianças e iniciá-las na relação com o mundo. Segundo o autor, “a educação tem a ver com amor e responsabilidade”.

Larrosa (2002), em seu artigo “Notas sobre o saber da experiência e o saber da experiência” traz o conceito experiência como um encontro ou relação com algo que se vivencia, que se prova. Para ele, a experiência é aquilo que 'nos passa', que nos toca, que nos acontece, e ao passar-nos, nos forma e nos transforma.

É na experiência, portanto, que o ser humano cria relações de aprendizagens. É a partir do que lhe acontece que a reflexão e apreensão dos conhecimentos vão sendo construídas. E quando pensamos em processos educativos com as crianças, é fundamental que esses conhecimentos sejam apresentados e experienciados *in lócus*, de forma concreta e com sentido verdadeiro e não apenas como abstrações ou conteúdos distanciados do que elas estão vivendo ou, verdadeiramente interessadas, e curiosas em aprender.

Para cuidar de alguém, segundo Oliveira et al. (2014), é preciso se encontrar com o outro, o que requer desenvolver formas sensíveis de relacionamento com as pessoas. No caso do educador infantil, isso quer dizer encontrar-se com as crianças, o que significa comprometer-se com elas e expor-se a elas. Esse encontro é semelhante a uma dança entre duas ou mais pessoas envolvidas no processo de manter o bem-estar e a vida. Para dançar é preciso estar em sintonia com a música e com o outro. Para cuidar deve-se estar em sintonia com o ritmo vital e emoções da criança, com seus gestos, expressões e palavras que sinalizam suas necessidades e dão pistas para as pessoas educadores atende-las.

Valores que os sistemas teóricos de ensino subestimam e acabam por bloquear através de teorias quase sempre por demais racionalistas e próprias da consciência do adulto, muito eficazes como sistemas de condicionamento mental. Exatamente o sentido inverso da referida Cultura da Criança, sensível o suficiente para captar o produto momentâneo da psique infantil direcionada para inventividade, tendo no ato de brincar a sua expressão criativa por excelência. (PEREIRA, 2019, P. 12)

Para isso, é fundamental que esses sujeitos tenham a oportunidade de se abrirem para novas formas de aprendizagens, que vão para além da informação intelectualizada, o qual o pensamento entra em relação com a complexidade do sentir.

A partir do cuidado e do olhar afetivo para a primeira infância podemos construir e pensar em novas possibilidades de mundo e isso só acontece quando olhamos também com esse mesmo aprofundamento para as pessoas responsáveis por cuidar dessa *cultura da criança*.

Referência que enraíza o entendimento de uma proposta pedagógica que toma como ponto de partida a percepção da própria criança. Verdadeira ousadia, que inverte todos os referenciais verticais postados na autoridade do adulto ou das teorias, instituições ou valores que possam representá-lo. (PEREIRA, 2019, P. 12)

Para compreender como elas aprendem e criam suas identidades é importante que os adultos responsáveis por cuidar do desenvolvimento das mesmas consigam acessar suas experiências quando crianças, como elas lhe

constituíram como sujeito, para que assim construam uma ponte de comunicação e afeto dentro do conceito do que é Cultura da Criança.

Esse cuidado e olhar sobre o corpo-memória do adulto se relaciona diretamente com a abordagem Pikler-Lóczy (2021), que, hoje, está longe de ser um método ou uma técnica. É uma concepção e uma postura ética do cuidar. Dentro de sua concepção, o bebê é um sujeito competente que necessita vivenciar a liberdade de movimentos, ou seja, as conquistas motoras se dão de “dentro para fora”, respeitando seu tempo e seu ritmo.

2. O CORPO BRINCANTE

Sendo a experiência a maneira como o sujeito aprende, é através do brincar que a criança investiga, tateia e cria sentido para o que lhe cerca. A brincadeira é a linguagem e ação da criança no mundo. Através do brincar que ela experimenta, cria hipóteses, compartilha seus sentidos e aprende com os outros os tantos outros sentidos existentes na interpretação dos fenômenos, acontecimentos e artefatos culturais. Ao brincar, elas se aproximam dos conhecimentos construídos historicamente pela humanidade e criam novas perspectivas e enredos sobre a mesma.

A experiência de tal ato eleva ainda a criança e o educador à transcendência das referências espaço/tempo e a infinitude do símbolo, abrindo-se um vasto e significativo campo de pesquisa para o conhecimento e entendimento da alma infantil. (PEREIRA, 2019, P. 12)

A raiz etimológica do brincar vem da palavra *Vinculum*, do latim, e também *Blinkan*, do germânico. A primeira tem um significado semelhante à laço, algema, brinco; já a segunda à brilhar, gerar luz. Portanto, brincar pode ser lido como o ato de entrelaçar-se, de criar vínculo entre o eu e o outro, eu e o mundo, ao passo que, também, é o ato de fazer brilhar, atribuir luz e capacitar-se de ver e vivenciar aquilo através do que iluminamos com nossa imaginação e ação. As crianças, em suas ações, friccionam as estruturas existentes e geram luz para outros futuros possíveis a partir dos vínculos que constroem no presente.

Uma experiência pedagógica que afirma a presença de uma Cultura da Criança reabre a possibilidade de simplesmente observarmos o que sempre esteve disponível e claro para a

consciência, mas que é e foi incessantemente recusado em ser aceito ou compreendido: a espontaneidade e naturalidade de como a consciência infantil se constrói e faz emergir valores saudáveis e profundos. (PEREIRA, 2019, P. 12)

Quando brincam, se enlaçam, territorializam o espaço e constroem o sentimento de pertencimento. E para que as experiências reverberem de maneira significativa é preciso permitir que as crianças experienciem as brincadeiras e vivências em seu tempo: parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, parar para sentir, demorar-se nos detalhes e trocas com o outro.

Cabe aos educadores uma escuta sensível, afetuosa e atenta para que consiga aproximar-se das crianças e transformar seus interesses, curiosidades e hipóteses em potenciais campos de pesquisa em busca de novas possibilidades e compreensões sobre o mundo.

É a partir do respeito profundo pelas infâncias e desse exercício permanente de escuta que o educador e a educadora tecem junto com as crianças redes de aprendizagem que fazem parte da realidade que nos cerca, que dialogam com a vida-vivida, com aquilo que faz sentido verdadeiro com o que estão experienciando.

É através do brincar que os educadores se aproximam e compartilham com as crianças conceitos - éticos, estéticos, políticos e sociais - importantes de serem vivenciados, pensados e refletidos como: cidadania, direito à cidade, corresponsabilização, visão sistêmica, responsabilidade ambiental, desenvolvimento imaginativo e criativo, argumentação e criação de hipóteses, consciência corporal, expressividade, aprender com o outro e compartilhar diferentes formas de ler e apreender os repertórios e saberes - das diferentes áreas e campos do conhecimento - construídos pela humanidade ao longo do curso de nossa formação.

Edgar Morin é considerado um dos principais pensadores contemporâneos e um dos principais teóricos do campo de estudos da complexidade. Sua obra "Os sete saberes necessários à educação do futuro" (2011) é base de inspiração para se pensar em boas práticas educativas.

Na obra de Edgar Morin, encontramos reflexões que nos ajudam a impulsionar a ideia de como as crianças vivenciam seus processos de

aprendizagem: de maneira complexa, tecendo junto, criando e recriando teorias na busca por uma apreensão do todo, sem perder em si a parte. Pela minha experiência em espaços de educação, percebo o quanto cada indivíduo é um e ao mesmo tempo, como esse tecido polifônico constitui uma trama complexa que circunscreve o todo. O autor nos impulsiona ainda a pensar na necessidade urgente de compartilharmos em nossas práticas com as crianças desde bem pequenas esse olhar sistêmico e complexo para a vida, compreendermos a maneira como aprendemos e fomentar desde o início esse exercício do pensamento que busca compreender os fenômenos de maneira ampla, complexa e fazendo parte de um todo.

A partir disso reflito o quanto é preciso repensar nosso modo de compreender a educação e agir com as crianças, para que consigamos participar do processo formativo delas numa busca por sua emancipação e superação daquilo que fomos capazes de criar, pensar e entender. Inaugurar novos paradigmas para que as crianças cresçam e se desenvolvam com maturidade para aquilo que a geração delas impõe. Educar é a busca permanente por aquilo que se sonha sem saber antecipadamente qual o caminho.

Maria Amélia Pinho Pereira, mais conhecida como Peo, foi uma mulher que me inspirou e ainda inspira muito! Fundadora da escola Casa Redonda onde o brincar é levado a sério e as crianças se desenvolvem em um ambiente lúdico e com muito contato com a natureza. Também fundou um projeto social para os migrantes que vem tentar a vida em São Paulo, a Oca: uma escola de cultura popular onde as raízes de cada um são honradas e fortalecidas e se aprende dançando e tocando. Como se fosse pouco, ela foi também vice presidente do Instituto Brincante aqui em São Paulo.

E é segundo Peo (2019) que o “espaço da criança que brinca é o aqui, o tempo é o agora, e a sua ação é o seu que se manifesta através do corpo, afirmando a vontade e a liberdade de ser”. Para ela, o brincar nasce no corpo, e o corpo é natureza. A criança, antes de ser intelecto, é instinto, é sensação. Seus sentidos são portadores de uma sabedoria que ajuda a estruturar sua relação com o mundo. A criança evidencia a presença do pensamento corporal e sensorial como formas de interagir com o mundo e conhece-lo.

Pensar a educação e a formação do humano valendo-se da arte e do corpo mobiliza a construção de outros saberes nesse contexto. Saberes que rompem com a representação instituída do corpo e da arte como função utilitária, para englobar a sua dimensão sensível. Nessa perspectiva, abre-se espaço para uma proposta de trabalho focada no sujeito como investigador de si.

Para que a criança possa aproveitar esses momentos de atividade espontânea e livre é muitíssimo importante que ela tenha momentos de encontros com a figura de referência nos momentos de cuidado corporal. É muito importante ter clareza que o bebê se constitui psiquicamente sustentado pelo corpo e pela relação com o adulto, sua figura de referência como afirmam os estudos de Donald Woods Winnicott, pediatra e psicanalista inglês influente no campo das teorias das relações objetais e do desenvolvimento psicológico. Líder da Sociedade Britânica de Psicanálise Independente, e Presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise duas vezes. Escreveu diversos livros, incluindo o "Brincar e a Realidade"(1975)

O corpo é a via régia pela qual o sujeito vai começar a se relacionar com o outro. É preciso de estabilidade e continuidade para que, aos poucos, o bebê possa nascer psiquicamente. Por isso, os momentos de cuidados corporais, troca de fralda, banho e alimentação são de suma importância. A dobra do olhar, os gestos e a voz dão um suporte e convidam o bebê a entrar gradativamente em contato com o adulto e descobrir o prazer de estar junto. Assim sendo, nesses momentos de encontro com o adulto é como se o bebê recebesse um aleitamento relacional, que lhe dá o sentimento de segurança e confiança para seguir adiante nos momentos em que precisará ficar sem o adulto por perto.

Winnicott afirma que o brincar é essencial, é através dele que se manifesta a criatividade (WINNICOTT, 1975, p.80). Para ele, é nesse movimento que a pessoa pode mobilizar todos os recursos disponíveis em sua personalidade. A criação não pode ser feita apenas com disciplina; ela se manifesta em um espaço propriamente criativo. A grande obra de criação de que estamos falando, seguindo o pensamento de Winnicott, é o próprio eu — ou self.

Ainda segundo o autor, trata-se de um trabalho que se realiza quando se permite um conjunto de brincadeiras, de contrastes, de associações de partes que antes estavam dissociadas. O que é ao mesmo tempo descoberto e construído — este trabalho só pode ser dar plenamente no ambiente da brincadeira. Quando o ambiente não é o da brincadeira no sentido que Winnicott está propondo, criança ou o adulto, não pode mobilizar seu eu integral. No ambiente criativo e experimental da brincadeira é que é possível a manifestação de todas as partes do eu. De outro modo, o que se tem é uma comunicação falsa e artificial, autoritária ou, simplesmente, a comunicação não existe. A verdadeira comunicação se dá neste ambiente de brincadeira, uma comunicação profunda sem ser direta.

É no brincar e talvez apenas no brincar que a criança e o adulto experimentam liberdade suficiente para criar e criar-se. É um espaço potencial, ou seja, um espaço onde toda a potência do indivíduo se mobiliza em busca de uma concretização não obsessiva.

2.1. CORPO, MEMÓRIA, IMAGEM E AÇÃO

O ser humano, nas interações com o meio, constrói um repertório de saberes e experiências definidores da maneira como ele vai constituindo-se. Nesse processo, o imaginário tem um papel fundamental, sendo o grande denominador no qual se encontram todas as criações do pensamento humano, ativando, assim, por uma perspectiva simbólica, diferentes modos de compreensão do mundo.

O imaginário é como um lago existencial "que dá significado para nossa existência individual ou grupal", segundo Machado da Silva (2006, p. 22 apud ZANELLA E PERES, 2017). Sobretudo, ele é uma bacia semântica (DURAND, 2001), da qual derivam imagens, afetos, experiências e sensações. Nesse "lugar" fica acumulado tudo o que é significativo para nós e que nos impulsiona a agir cotidianamente.

Os acontecimentos vividos pelo ser humano no decorrer de sua vida e que de algum modo lhe tocam instalam, segundo Bois (2008b apud ZANELLA e PERES, 2017), "um estado particular", sendo armazenados em forma de memória em suas células e no seu universo cognitivo, afetivo e

gestual. Essa memória é "constituída por uma mistura de hábitos, de crenças e de saberes oriundos de tempos imemoriais, transmitidos a cada um por meio de condições específicas à sua inscrição sócio-histórica" (LAPOINTE E RUGIRA, 2012, p. 53 apud ZANELLA E PERES, 2017).

Nesse aspecto, a relação sujeito-mundo perpassa o corpo em dois sentidos: como repercussão de uma história herdada e de acontecimentos vividos, que produzem memórias que se inscrevem no corpo e podem afetar tanto o aspecto anatômico/fisiológico quanto o aspecto psíquico/emocional; e como elemento motor à ação, pois busca nessas inscrições as bases que servem de referências para sua interação efetiva no mundo.

Assim, quando foi oferecido um espaço de sensibilização e práticas corporais como o teatro, a dança e o brincar, as mulheres em formação para o projeto Mães Crecheiras acionaram memórias de suas infâncias e marcas que são disparadores de reflexões em nossas rodas de conversa sobre a primeira infância. A partir das diferentes narrativas e histórias de vida, construíram e imaginaram coletivamente um novo formato de relações e de pertencimento para essas novas infâncias.

Dessa maneira, podemos pensar o corpo como a inscrição viva e concreta do trajeto formativo de cada pessoa. Registros que compõem a dimensão biográfica do corpo e que são fundadores no nível físico, cognitivo, afetivo e psíquico do que elas se tornaram e vêm tornando-se no decorrer de sua vida. Tudo isso integra o reservatório imaginário no qual cada estudante busca suas referências para interagir no espaço em que está inserida.

Nesse sentido, a memória possibilita organizar, por meio de um fragmento, o conjunto que compõe o todo, impregnada pelas significações do momento.

É com o seu corpo brincante no chão da natureza que a criança recebe e celebra a memória, ampliando e atualizando o passado. Os ensinamentos do brincar dizem respeito a algo como a memória do futuro. O brincar é uma função transcendente do humano, uma vez que extrapola a condição do tempo e espaço do cotidiano. Como afirma o geógrafo Milton Santos, "nós humanos habitamos em dois lugares; na Terra e no Infinito". Ao brincar as crianças sabem transitar naturalmente entre esses dois lugares: vão da terra ao céu em poucos minutos, conversam com seres imaginários, inventam personagens, projetam mundos, inauguram espaços novos, solucionam possíveis conflitos do cotidiano através dos recursos de sua capacidade de imaginação. Brincando, são capazes até de suspender o tempo. (PEREIRA, 2019, P.58)

Ivan Antonio Izquierdo nasceu em Buenos Aires e naturalizado brasileiro. Começou sua carreira na Argentina, mas foi no Brasil que se estabeleceu como pioneiro no estudo da neurobiologia da memória e do aprendizado.

A memória, segundo Izquierdo (1989), é resultado das coisas que no decorrer da vida a pessoa percebe ou sente. Relaciona-se diretamente ao armazenamento e evocação, também chamada de recordação ou lembranças, de informações adquiridas pelas experiências vividas. A aquisição dessas memórias chama-se aprendizado.

Para o autor (1989, p. 90), o aprendizado e a memória são propriedades básicas do sistema nervoso; não existe atividade nervosa que não inclua ou não seja afetada de alguma forma pelo aprendizado e pela memória. Aprendemos a caminhar, pensar, amar, imaginar, criar, fazer atos-motores ou ideativos simples e complexos, etc.; e nossa vida depende de que nos lembremos de tudo isso.

Nesse sentido, a memória assume um papel fundamental, pois o armazenamento de tudo o que aprendemos no decorrer da vida, em forma de lembrança, é fator determinante à evolução do ser humano. Assim, a aquisição de outras aprendizagens dependerá da memória produzida anteriormente.

Assim, a memória pode ser caracterizada como flutuante pois ela é constituída tanto das lembranças quanto dos esquecimentos (BORGES, 1942). Portanto, a formação de memórias concretiza-se via corpo, que assume o papel de refletor das experiências vividas. O corpo está presente em todas as circunstâncias da vida do ser humano. É por meio dele que sentimos cada sensação, emoção, e que nos aventuramos em ações exploratórias, concretizando o processo de aprendizagem.

Quando brincam, os adultos acionam memórias de suas infâncias e são convidadas a imaginar outros mundos possíveis. Na troca entre eles, se identificam e se reconhecem na história do outro. A partir dessas trocas identificam o que faz sentido manter e o que precisa ser mudado com urgência, ressignificando essas marcas. Conseguem imaginar e desejar outras infâncias possíveis. Através da capacidade de brincar, o indivíduo consegue, a cada novo contato com a experiência, lançar sobre ela um novo olhar.

3 MANDUÍ TRANSFORMA

O Manduí é uma escola de educação infantil particular na Zona Oeste de São Paulo e que trabalho como orientadora. O nosso propósito é cuidar de todos desde o início e os valores que nos movem são: Respeito, Confiança, Cuidado, Diálogo e Consciência Ambiental. Por isso, além dos serviços que prestamos na nossa Casa, acreditamos e gostaríamos de compartilhar nossos conhecimentos com o máximo de brasileiros que não têm o privilégio de poder colocar seus filhos em escolas particulares.

Foi assim que nasceu o Manduí Transforma. Tivemos uma primeira experiência ao longo de 2021, numa parceria tripla entre Manduí, Instituto C e CUFA (Centro Unificado das Favelas). Nessa ocasião, o Instituto C escreveu um projeto para oferecer apoio social, nutricional, psicológico e pedagógico para famílias vulneráveis na região da comunidade Minas Gás, na zona noroeste da cidade de São Paulo. A CUFA foi responsável pela disponibilização e organização do espaço, além do contato direto com a comunidade e famílias interessadas no projeto. Já o Manduí assumiu o acompanhamento pedagógico para crianças.

Patrocinado pelo Instituto C, o Manduí reuniu uma equipe de educadores composto por Julia, Thaís, Vitória, Matheus, Tomas e por mim. Essa equipe foi responsável por pensar e executar todo o processo do curso de formação das mulheres.

O objetivo primário da iniciativa foi semear educação de qualidade na primeira infância, formando educadoras, impactando o maior número de crianças e famílias possível, deixando assim um legado perene para comunidade. Muitas das mulheres se viam sozinhas, com filhos, sem perspectiva de renda e educação de qualidade para as crianças.

Atuamos para formar e ampliar o olhar de educadoras e cuidadoras a respeito da primeira infância e de como se dá o desenvolvimento e o processo das aprendizagens das crianças. Da mesma forma como acontece a aprendizagem das crianças, a prática e a experiência são fundamentais nesse processo para consolidar as aprendizagens. Assim, além de conteúdos teóricos, nossa intenção foi de atuar na prática dos cuidados e propostas corporais e artísticas com as próprias educadoras.

O projeto foi realizado com 80 mulheres da comunidade Minas Gás localizado na Brasilândia, no bairro Jardim das Graças na zona norte de São Paulo. Durante sua formação atuamos diretamente com 40 crianças. As 80 mulheres foram divididas em 4 turmas com duas horas/aula, duas vezes na semana. Duas turmas eram do período da manhã e conduzidas pelas educadoras Thaís e Vitória e as outras duas turmas, do período da tarde, eram conduzidas por mim e pelo Tchô.

O olhar para as crianças parte do princípio do olhar e da escuta de si. Juntar mulheres e criar um espaço de confiança entre elas em que podem trocar sobre suas infâncias e experiências vividas é permitir que aprendam com o outro, é um fio condutor, um caminho que faz vislumbrar as encruzilhadas, os desvios, paisagens e seres que habitam essa trajetória chamada vida. Partimos do princípio que todos os processos de aprendizagem e desenvolvimento só são possíveis pois se constroem na relação com o outro, surgem desse movimento e reconhecimento do eu a partir do outro e do outro a partir do eu (outro-pessoa, outro-mundo, outro-conhecimento, outro-objeto).

Durante a elaboração do projeto, nós do Manduí, pensamos nos encontros presenciais a partir de embasamentos teóricos fundamentadas no valor da troca e da experiência. Assim, além de conteúdos teóricos, as mulheres tiveram a oportunidade de atuar na prática com as crianças da comunidade podendo pensar sobre a atuação, na atuação. Tal processo permitiu que, além de capacitarmos educadores e cuidadores da comunidade, atendêssemos diretamente crianças da região.

O projeto durou 8 meses sendo dividido em dois ciclos. O primeiro durou 2 meses e teve como intenção uma grande sensibilização, com dinâmicas e teorias e o segundo, durou 6 meses e o foco foi na aplicação com as crianças de tudo que foi trabalhado no primeiro ciclo, que passaram a habitar o espaço da CUFA em todos os encontros.

A primeira etapa desse primeiro ciclo foi a de reconhecimento. Nesse momento, apresentamos o trabalho e abrimos uma roda de conversa para uma apresentação breve de cada uma. Nessa conversa elas puderam dizer o que esperavam do curso e conseguimos colher informações sobre suas experiências prévias de como entendiam e como faziam o trabalho com as

crianças. A grande maioria não tinha experiência como educadora, mas sim como mães, avós e filhas.

No primeiro encontro iniciamos a jornada abrindo os caminhos com o fogo. Cada mulher construiu sua própria vela, trazendo essa relação com o tempo do preparo, da criação e do elemento fogo dando início a novos processos. Foi o primeiro encontro entre elas, em que se sentaram em roda, olharam nos olhos umas das outras e conversar sobre suas vidas. Depois de fazerem as velas, uma por vez foi acendendo sua vela com a mesma “vela acendedora” que foi passada de mão em mão. Pedimos para que ao acenderem pensassem em uma intenção do que queriam com esse curso como mostram as fotos no anexo I.

Esse primeiro ciclo foi dividido em 4 grandes temas: *o brincar, o eu, o eu, relação interpessoal: o outro e mundo: o meio, 3º educador*. Como essa primeira etapa era mais curta, tivemos que pensar nos conceitos que considerávamos primordiais da primeira infância. Esses conceitos foram trabalhados da seguinte maneira:

1º - O BRINCAR

Durante o primeiro encontro do brincar, propusemos que as mães, junto com a gente, vivenciassem o brincar. Ter a experiência no corpo presentificado de como o brincar nos mobiliza e transforma nossa percepção de tempo, realidade, espaço, emoção, conexões feitas durante o brincar, memórias trazidas, conhecimentos construídos.

De início, havíamos planejado apenas dois encontros para refletir e vivenciar o Brincar porém, fez tanto sentido para as mulheres ter a oportunidade de poder voltar a brincar que essa linguagem perpassou os diversos encontros durante os 8 meses de curso.

Depois dessa vivência, propusemos um ateliê. Disponibilizamos diferentes materiais e materialidades, como papéis, riscadores, argilas, tintas, etc. para que as mães expressassem o que sentiram durante e depois do brincar. Essa "produção", feita por elas, foi utilizada no encontro seguinte, onde demos início com a apreciação dessas criações para suscitar a discussão do vivido e adentrar no campo do brincar.

Começamos o encontro fazendo um momento de chegada, com uma condução da presentificação, trazendo as pessoas para o presente. Logo

percebemos como essas dinâmicas iniciais eram importantes para a construção de grupo. Parar para respirar, massagear, desligar dos problemas externos foi fazendo muito sentido para esse grupo de mulheres que lidam com realidades sofridas como machismo, opressão, injustiça social, pressão psicológica, entre outras coisas que as privam de olhar e cuidar de si.

Nesse encontro sobre o brincar iniciamos a experiência colocando a atenção na respiração, convidando para a escuta do corpo. Criamos uma ambientação através da narrativa de convidar as mães a esquecerem um pouco o que há de demanda externa e concentrar sua atenção no agora. Ou seja, fizemos uma condução corporal de ir trazendo a consciência para o presente. Propusemos que fechassem os olhos, ampliando a percepção do corpo. Fomos colocando luz em detalhes que passam despercebidos. Sentir o cheiro, escutar os sons ao redor...perceber quais memórias vêm nesse momento. Construir um tempo-espço onde o corpo estivesse poroso para a experiência. Preparamos o ambiente com provocações olfativas com ervas, selecionamos algumas músicas para a vivência e deixamos tocando desde o início.

Depois da chegada, conduzimos alguns jogos teatrais que ajudaram a quebrar um pouco a timidez ou algumas travas sociais e que nos colocam dentro da experiência do brincar. Desse desnudamento, dessa entrega para o jogo se conquista uma porosidade e uma disponibilidade para a ação.

Ao longo desse momento de brincadeira livre, perguntamos se alguma memória de brincadeiras que gostavam surgiu na cabeça das participantes e, se queriam compartilhar para a gente brincar juntas. De primeiro momento ninguém disse nada, mas depois no momento da finalização, muitas começaram a compartilhar de suas lembranças.

Depois, organizamos um ateliê com diferentes materiais e materialidades disponíveis para se expressarem. Surgiram muitas narrativas visuais que remetiam as infâncias de cada uma como mostra no anexo II.

No encontro seguinte, começamos olhando para as criações das mães feitas no encontro anterior e partir desse lugar (exposição das criações) fizemos uma primeira conversa sobre o brincar. Foi muito interessante observar como muitas delas, em suas produções visuais, trouxeram elementos da natureza como árvores, frutas, animais e rios. Durante a conversa tiveram

reflexões muito interessantes sobre as diferentes infâncias que permeiam as gerações e como sentem falta de poder levar suas crianças para lugares com mais natureza. Grande parte dos relatos de memória que surgiram nesse encontro partiram de brincadeiras na rua, subindo em árvores, ocupando espaços fora de casa e, como hoje, elas cultuam a cultura do medo, como ficam preocupadas com a violência e privam suas crianças de vivenciar experiências fora das quatro paredes.

Todo o processo percorrido foi fundamental para chegarem nessas reflexões: o acolhimento de seus corpos, a condução gradual para se entregarem ao brincar, a euforia despertada em forma de arte, possibilitando formas de se expressar e de se relacionar com diferentes materialidades, a observação e a troca entre o grupo. Após essa dinâmica, pedimos para se reunirem em subgrupos e escreverem sobre a importância do brincar (ANEXO IV).

Durante os encontros, fomos trazendo referenciais teóricos dando visibilidade à importância do brincar na formação humana o livro da Peo já citado aqui (2019), Lydia Hortélio e Ganhdy Piorski, possibilitando assim uma costura do que foi experienciado no corpo e de como

2º - O EU

Preparamos o ambiente com uma paisagem sonora: áudio com as falas das crianças sobre ser criança, exposição com os desenhos das crianças, pinturas, esculturas criadas por elas e outras intervenções no espaço como um gelo pingando em uma bacia, fumaça de gelo seco, cheiros, luz. Criamos um espaço onírico que remetia a um sonho e a um espaço e tempo outro. Começamos o encontro com uma sensibilização que proporcionou um pouco do que traríamos ao longo do encontro. Deixamos algumas perguntas expostas junto com essas produções.

Mergulharam nas vozes das crianças, escutar a criança nesse eu, falando de si. Também deixamos alguns materiais gráficos para caso elas quisessem fazer alguma criação.

Depois da imersão, elas se reuniram em pequenos grupos com a pergunta:

- Fazer uma lista do que não deveria faltar na vida de uma criança?
- O que as crianças nos pedem? (o que elas pedem para a gente?)

Agrupamos com mesas, criando esse contorno concreto. Pedimos para fazerem uma lista do que precisamos garantir que as crianças tenham acesso.

Foi interessante observar como algumas mulheres se sentiam mais a vontade em falar e como aos poucos, outras foram se sentindo mais confortáveis, mais pertencentes ao grupo e foram se soltando aos poucos.

Depois, foi a discussão no grupão sobre os pontos levantados pelas mulheres. Criamos uma lista com tudo o que elas trouxeram dos pontos importantes - uma lista coletiva.

Novamente, a experiência auditiva e visual permitiu que as mulheres se relacionassem de maneira que se abrissem para a discussão. Ao ouvir as vozes das crianças lembraram de vivências e saberes próprios e quando colocados em grupo criaram relações, se colocam no encontro de diferentes pontos de vista e construíram o novo. Para esses encontros nosso referencial teórico foi Vygotsky.

3º - RELAÇÃO INTERPESSOAL: O OUTRO

Esse conteúdo foi tratado com rodas de conversa e discussão coletiva o que não entra na análise deste trabalho. A ideia inicial era convidar as mulheres para simularem situações de intervenção violenta e criar discussões a partir de cenas que mostrassem conflitos entre as crianças. Porém esse formato acabou perdendo o sentido e fomos para uma aula mais expositiva a partir de pontos teóricos na perspectiva de Wallon, Vygotsky e também lemos trechos do livro “Ensinando a Transgredir: educação como prática para a liberdade” (HOOKS, 2013), dando continuidade com uma discussão em grupo.

Durante a conversa, como o grupo mais consolidado, elas trouxeram relatos pessoais sobre seus traumas e problemas de vida e como isso reverbera em suas ações com o outro (criança, adultos, homens, mulheres e parentes).

Em meio a desabafos, lágrimas e risos, elas se sentiram acolhidas construindo um lugar seguro de fala e de identificação com as histórias umas das outras.

Após esse encontro, propusemos às mulheres que escrevessem uma carta para elas mesmas abrirem após 10 anos, dizendo onde se sentiam livres e onde ainda procuram liberdade. Antes da carta escreveram em um mesmo papel o que entendiam por liberdade (ANEXO V).

4º - MUNDO: O MEIO, 3º EDUCADOR

Em um primeiro momento vivenciamos um processo de sensibilização do olhar com foco na presença e na concentração das mulheres. Passamos o filme “Caminhando com Tim Tim” (2015), depois conversamos sobre ele. As mulheres trouxeram vários pontos interessantes, primeiro do fato da mãe deixar uma criança pequena andar sem ser de mãos dadas na rua, depois o fato de a câmera filmar a partir do olhar da criança e como ela observa e se relaciona com sutilezas do caminho. Ficaram encantadas com a forma como o vídeo retrata o olhar da criança.

Depois desse momento, convidamos as mulheres e as crianças ali presentes a caminhar pelo entorno. Pedimos para as mulheres registrarem o que acharem interessante compartilhar no caminho e para pegarem objetos lhe chamaram atenção.

Esse dia foi marcante porque cada grupo fez um percurso diferente. O estado de presença se deu por um outro viés. Andar na rua com calma, despretensiosamente, podendo parar para olhar, sentir, observar e se relacionar com os elementos que encontravam como revelam as fotos no anexo III. A indústria de pedra virou parque de diversão, a calçada palco para risadas. O simples ato de andar pelo quarteirão trouxe uma ruptura no espaço tempo proporcionando uma nova visão sobre aquele meio. As mulheres estavam radiantes e encantadas com a forma como as crianças ficaram ao fazerem aquele passeio. Uma das filhas das meninas que faz o curso disse “hoje é o melhor dia da minha vida!”

Fizemos uma exposição com os objetos e fotografias tiradas por elas. Projetamos as fotos e abrimos uma conversa sobre os registros feitos. Olhamos, compartilhamos e falamos sobre o olhar da outra.

A partir dessa experiência conversamos sobre como é importante trabalhar com o desemparedamento da infância. Falamos sobre a ocupação dos espaços públicos e fomos brincar na rua como mostra o anexo VI. Revivemos o que elas trouxeram no primeiro encontro em suas memórias de infância.

Com esses encontros, as mulheres do projeto tiveram tempo para que se organizarem entre elas, criando uma rede de apoio para que possam se auxiliar e construir juntas um trabalho de estudo, pesquisa e ação que não

esteja apenas voltado para as infâncias, mas também para o fortalecimento de laço entre elas e o sentimento de pertencimento e coletividade. Nesse sentido, percebemos que as mulheres, cada vez mais, foram se encontrando em um lugar comum, mesmo diante das diferenças. Foram constituindo uma identidade de grupo muito bonita e potente.

Criamos um espaço de escuta, com tempo para acolher as experiências das mulheres e de compartilhamento das experiências dos educadores, além dos estudos sobre infância. Esse movimento revelou o quanto elas foram se sentindo ouvidas, respeitadas e valorizadas em suas trajetórias. Em seus relatos trouxeram o quanto esse espaço tem as fortalecido e permitido que suas histórias sejam contadas.

No anexo VII há alguns relatos e escritas das mulheres sobre os momentos marcantes do projeto e o que aprenderam. Pelas escritas foi possível perceber o quão significativo foi viver esse curso do início ao fim.

Construímos muitas experiências que envolveram cuidado e percepção do próprio corpo e a proximidade com a Cultura da Criança. Desde brincadeiras mais sutis como a massagem, o toque sutil, até peças de teatro, danças e festas típicas da cultura popular como a festa junina. (ANEXO VIII)

Em paralelo a todo esse processo, nos reorganizamos para garantir a presença das crianças na etapa prática do projeto. As primeiras semanas com as crianças foram um sucesso em relação à apresentação da proposta para as novas mães que deixaram seus filhos conosco (feita pelas próprias mulheres educadoras, em roda); a organização do espaço e dos materiais arrecadados; a recepção das crianças e a importância de uma adaptação respeitosa. Notamos que as crianças ficaram muito felizes e se sentiram pertencentes ao nosso espaço.

Depois, surgiram novos desafios para as participantes. Elas começam a entender seus novos papéis nesse espaço; como se relacionam entre elas para oferecer um ambiente adequado para as crianças; e a importância da presença integral que as crianças demandam de um(a) educador(a).

Com o início desse novo ciclo, as mulheres sentiram falta do que foi vivido no primeiro ciclo. Elas queriam ter mais tempo de troca e experiências entre elas antes de terem aberto para as crianças. Com isso, percebemos o engajamento de cada uma no processo de formação. Para a grande maioria foi

possível observar como estavam engajadas em colocar as aprendizagens em prática, enquanto para outras estar entre crianças não era o mesmo que estar em grupo de troca entre mulheres refletindo sobre si e sobre a vida.

Essa observação trouxe muitas reflexões que não cabem no relato para a monografia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os encontros, as atividades propostas com diferentes dinâmicas e formatos, foram introduzidas com a intenção de sempre colocar as mulheres como protagonistas de seus próprios percursos de aprendizagem.

Nesse primeiro ciclo tivemos como objetivo aproximar educadoras e mulheres, sensibilizar seus olhares sobre o universo encantador das crianças e também iniciar o processo de construção de identidade grupo - através de brincadeiras, registros artísticos, filmes e pelas rodas de conversas, por meio das quais vivemos momentos de reflexão e diálogo.

As propostas de atividades se deram como um convite para as mulheres resgatarem memórias de suas próprias infâncias e questionamentos sobre os métodos utilizados pelos adultos para educar as crianças e suas consequências no seu desenvolvimento.

Durante os encontros, os diferentes pontos de vista alimentaram discussões potentes gerando reflexões sobre as atitudes que têm e o que pode ser diferente para o que esperam do mundo. Conceitos sobre autonomia das crianças nos diferentes âmbitos - como higiene pessoal e confiança em suas ações; conflito; inclusão; a importância do brincar; das potências de aprendizagem no meio em que vivem; sexualidade; o significado do “não” e de como e quando fazê-lo; da relação das crianças com suas sensorialidades; o corpo como o lugar onde as experiências acontecem e como proporcionar isso para os pequenos; e da importância de se construir experiências em que nós adultos possamos estar presentes de maneira íntegra e verdadeira com elas. Outro conceito importante que também guiou todos esses encontros é que ao falar das crianças estamos também falando delas como sujeitos que atuam e existem no mundo como qualquer outro ser humano.

Ter a oportunidade de pensar na formação dessas mulheres foi transformador porque pude viver a experiência de compartilhar saberes por uma outra ótica. Assim como na dança dentro de um contexto de liberdade, pode-se dizer que construímos um espaço de autoconhecimento e de comunhão.

A vida, os seres humanos e o mundo manifestam-se por meio do movimento. Dançar é mover-se com ritmo, melodia e harmonia. Compartilho da

filosofia trazida por Klauss Vianna (2019) que diz que todos somos, sem exceção, bailarinos da vida, todos nos movendo para um único e fundamental objetivo: o autoconhecimento. É a partir desse olhar verdadeiro consigo mesmo que conseguimos criar uma relação de ensino e aprendizagem baseada no afeto e no respeito para construir espaços pedagógicos que respeitem o sujeito como ele é e que se aproximam da vontade infinita de conhecer e experimentar o mundo.

REFERÊNCIAS

Artigos

BONDÍA, J. L. Notas sobre a **experiência** e o **saber da experiência**. In: Revista Brasileira da Educação, N° 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

CALLEGARI, C. **Ministério da educação conselho nacional de educação câmara de educação básica resolução N° 5. 17/12/ 2009**. Disponível em: http://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf. Acesso em: 7/05/2022.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Introdução: Rizoma** in Mil Platôs (Capitalismo e Esquizofrenia) Vol. 1. Editora 34, 1ª Ed, 1995. Disponível em: <http://historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Rizoma-Deleuze_Guattari.pdf>. Acesso em: 15/05/2022.

IZQUIERDO, I. Memórias. In: Estudos avançados, 1989. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/RySVv73ft5r4qj9KP4F8xcB/?lang=pt>>. Acesso em: 20/04/2022.

MATHIAS, E. C. e PAULA, S. N. A educação infantil no Brasil: avanços, desafios e políticas públicas. In: Revista Interfaces: ensino, pesquisa e extensão. Ano 1, n° 1, 2009. Disponível em: <<http://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20170419175323.pdf>>. Acesso em: 18/04/2022.

ZANELLA, A. K. E PERES, L. M. **No encruzamento de linguagens...: a arte e o corpo para pensar a educação e a formação do humano**. In: Revista Brasileira de educação, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/ywK77qBM5B36FSSrgzfXHWb/?lang=pt>>. Acesso em: 18/04/2022.

Livros

BORGES, J. L . **Funes el memorioso**. 7ª ed. São Paulo: Editora Globo, 1997.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DURAND, G. **O imaginário. Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

FALK, J. **Educar os três primeiros anos: a experiência Pikler-Lóczy**.3ª ed. São Paulo: Ed, Pedro e João, 2021.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2013.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2 ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Z. M. R. (ORG.) **O trabalho do professor na Educação Infantil**. 2ed. São Paulo: Biruta, 2014.

PEREIRA, M. A. P. **Casa Redonda: uma experiência em educação com crianças**. 2.ed. São Paulo: Ed. Livre, 2019.

VIANNA, K. **A Dança**. 8ªed. São Paulo: Summus Editorial,2019.

WINNICOTT, D. W. **O brincar & a realidade**. Trad. J. O. A. Abreu e V. Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Filme

EXPINHO, Tiago. Caminhando com Tim Tim. Youtube, 2015.

ANEXOS

Anexo I – 1º dia do curso: confecção das velas.



Anexo II – Produção visual após o primeiro dia de brincadeiras.



Anexo III – Fotos tiradas pelas mulheres das belezas que encontraram no caminho.



Anexo IV – reflexão em subgrupos sobre o brincar.

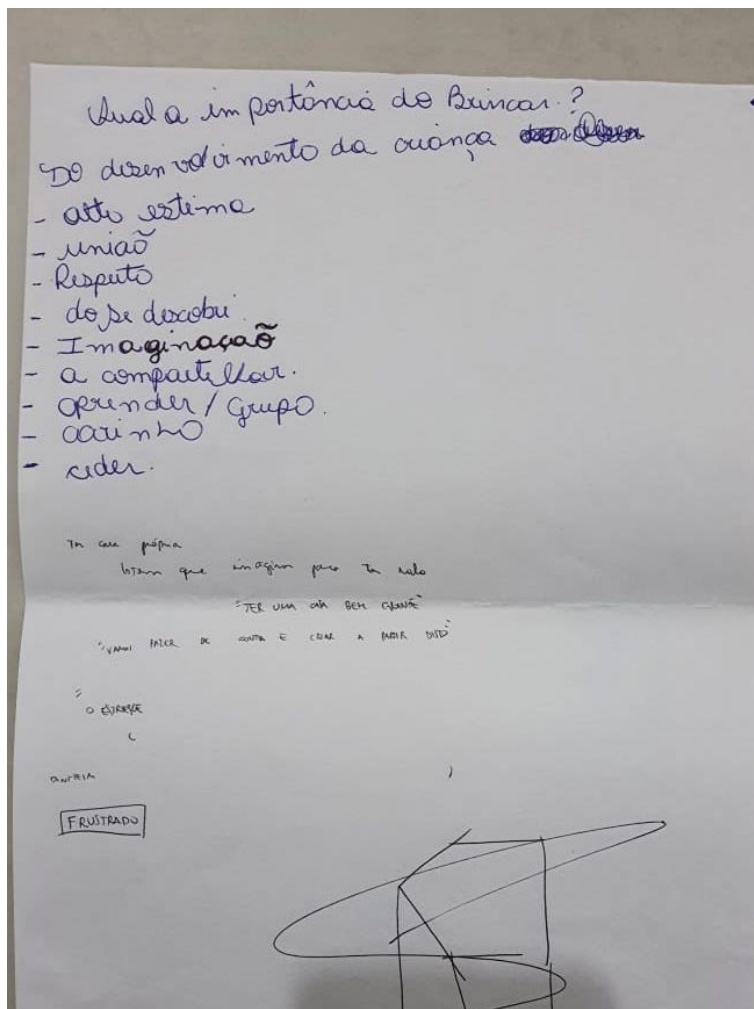
Brincar nunca pode morrer
 somos eternas Crianças

a brincadeira traz tranquilidade e
 aprendizado a brincadeira é importante
 neste período e depois também por que
 no futuro retornarão adultos com facilidade
 para interagir com suas próprias fami-
 lias, brincar é ter boas lembranças
 de uma criança feliz.

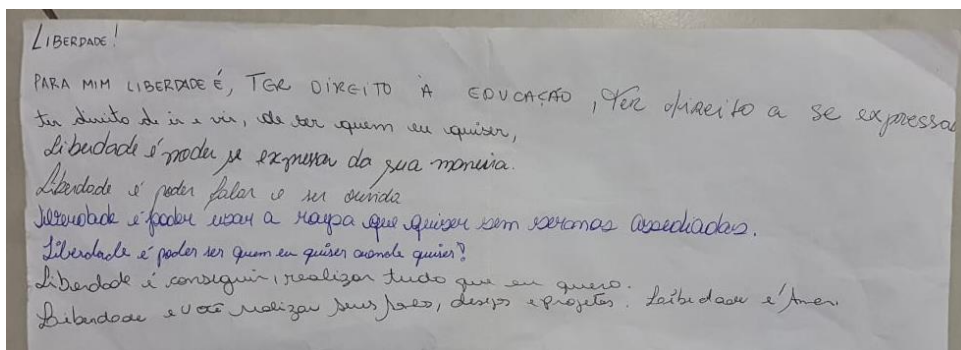
É saudável para uma criança brincar
 até mesmo para os aprendizados, no correr
 no crescer. Crianças que não brincam
 se torna um adulto frustrado. Nos ocu-
 rramos a crescer. Brincar é viver, brincar
 nunca com a nossa imaginação.

michele
 Cleide
 natalia
 Dafne

...VOCÊ ADORA?
 "BRINCAR É O SEU TRABALHO"



Anexo V – Escrita das Mães Crecheiras sobre liberdade.



Anexo VI – O brincar na rua.



Anexo VI - Relatos e registros escritos das mulheres sobre os momentos marcantes do projeto.

- O grande envolvimento das mulheres nos momentos de trabalhos manuais ou de criação e expressão. Gostavam de sentar em roda e produzir suas artes e fazeres. Relataram o quanto esses momentos eram relaxantes e divertidos, trazendo uma outra presença. Se sentem autoras, criadoras e autônomas de suas criações; e constroem, expressam e dão visibilidade ao percurso de suas aprendizagens. Estes momentos tem grande importância no processo de sensibilização, para que também proporcionem este tipo de atividades para as suas crianças;
- O dia do “brincar”. Este dia trouxe as mulheres a um estado de muita alegria.
- "Alvará de soltura" (sandra)
- " O que a gente está aprendendo aqui é mais do que sobre criança, é sobre vida" (Janaína)
- " Me senti livre" (Katiane)
- Este dia trouxe a importância de proporcionar momentos de brincadeira com as crianças e permitir que brinquem sozinhas ou entre elas também. Compreenderam através do corpo e da própria experiência como as crianças estão nesse lugar de alegria e presença quando investigam o mundo e brincam com ele.
- Muitas trouxeram o quanto deixaram os problemas e as questões da vida de fora e viveram o presente;
- Conversa sobre o sistema escolar. Isso gerou uma percepção do quanto as escolas colocam os pais em um lugar de insegurança ao invés de ser um espaço de acolhimento e apoio. Conversamos muito sobre a importância de trazer ferramentas para que elas e os outros pais e mães consigam compreender e se relacionar com os seus filhos.

O que ficou? Grupo 1

* Lembranças das infâncias: lembramos coisas que
nem lembramos.

↓
Cada um trouxe uma
memória de infância //

* Imaginação e relação com a ciência → no episódio
o filme: "O tamanho
que o planeta é"

* Infâncias diferentes de antes e de hoje: hoje tem muita
tecnologia, celular

* Brincadeiras de infância

* A importância de não ter uma história única

* Aprender a ter opinião.

As
* Intervenções mudaram → pessoas que aprendiam piadas
antes usavam comédia com os seus próprios
situações

- * Não gatar com os crianças.
- * Cultura : museu , passeio // -> Exposição - Moruno
- * Olhar mas pelo lado do criança . Se ela está fazendo algo , é q tem algo a dizer .
- * Amor .
- * Primeiro Socorro .
- * Tudo que a gente faz , as crianças guardam !
- * Se colocar no lugar do criança -> falar no mesmo dialeto
Respeitar as crianças .
- * Racismo -> tratar criança em como as crianças falam
↓
umas com os outras
Eles não raciam com isso .
- * Conhecer mais as crianças .
- * Filmes : Emília { as pessoas do final q nunca foram no teatro ,
no show dela conseguiram ir
-> Precatório
- * Festas , unicef -> Festa Junina !

* Imaginação das coisas - o que não é além daquilo que a gente pensa.

↳ livro de coisa estudando: uma coisa pode ser coisa, coisa, etc...

* Toque sutil é mensagem. + Text o filme focado com pedras, água.

* Ensinar brincadeiras p' crianças: batata ^{quente} ~~doce~~, sensibilidade do tato, coisa mágica,

* Exposição de estar com outras crianças. ^{queimada, comida do japonês, coisa-etc.}

* Valorizar mais a própria vida, parar de reclamar. Cada uma tem uma história. -> Trazer as histórias, se reconhecer no grupo. -> Acordar p' vida! Falar que eu estou viva!

* Tirar a gente da depressão.

* Se colocar mais no lugar do outro.

* Saída p' a prática de pedras, pra mim.

* Não foi só um curso, foi um lugar de acolhimento

Como curso podemos aprender a lidar com as crianças,
com as mesas filhas.

Aprendemos as técnicas de como reconhecer alguém que necessita
de ajuda. No caso, os primeiros socorros.

Rede de conversa, ouvindo vários relatos das mesas e
legas do curso.

Bricolagens, estimulando todas as crianças.
Deixar as crianças ter liberdade, se expressar, brincar
sem esse negócio de rotulagem "brinquedo de menino e
menina".

Reciclagem, assim criando vários tipos de brinquedos legais.

"grupo 1"

GRUPO

15h - 17h

ayane, Danieli, Lucelia, Ellen, Rejane

O que APRENDEMOS

- Aprendemos a olhar as crianças de outro modo
- A entender elas melhor
- Aprendemos mais sobre a liberdade
- Toque sutil
- A reconhecer em uma emergência
- O quanto importa as crianças ter contato com a natureza
-

O que QUEREMOS APRENDER

- A ser mais paciente
- Aprender a entender mais cada criança
- Saber trabalhar mais o lúdico
- A se organizar melhor e colocar em prática o planejamento

Durante o curso, aprendemos o quanto é importante a convivência com as crianças para descobrirmos mais sobre o desenvolvimento delas.

A importância de entender as ~~exato~~ necessidades delas e ouvi-las.

O quanto é brincar é importante para elas e algo simples como contar histórias, teques, músicas e arte para o ^{desenvolvimento} desenvolvimento.

Conhecer o espaço onde costumam passar, para nós é somente um caminho, para elas uma aventura por dia.

Como educadores, podemos levar para a vida o poder da fala usando o tom certo, mesmo que rígido, mais sem perder o carinho e a ~~com~~ compreensão.

//

Anexo VII – Brincadeiras de toque sùtil, teatro e festa junina.



